

METODOLOGIA PARTICIPATIVA DE EXTENSÃO RURAL PARA O DESENVOLVIMENTO SUSTENTÁVEL –MEXPAR

PARTICIPATIVE METHODOLOGY OF RURAL EXTENSION FOR SUSTAINABLE DEVELOPMENT - MEXPAR

Autor: CARVALHO, Maria Auxiliadora Tavares – EMATER-MG - dorinha@emater.mg.gov.br,
Co-autores: BRANDÃO, Isabel Maria de Moraes – EMATER-MG -
belmmb@emater.mg.gov.br;
SOARES, Maria Helena Pinheiro – EMATER-MG - mariasoaes@emater.mg.gov.br
SILVA, Maria Helena Alves da – EMATER-MG – helena@emater.mg.gov.br

RESUMO: este artigo apresenta a metodologia participativa de extensão rural mineira sistematizada a partir de uma reflexão crítica do processo metodológico da ação extensionista ao longo das últimas cinco décadas e dos desafios atuais que permeiam a realidade dos agricultores e agricultoras familiares e suas formas organizativas com os quais o serviço extensão rural está comprometido. A metodologia de extensão rural foi reelaborada numa concepção educativa não formal, que considera extensionistas e agricultores protagonistas de uma ação transformadora, na qual os extensionistas assumem o papel de mediadores do processo de mudanças e os agricultores e as agricultoras familiares sujeitos do seu próprio desenvolvimento. A sistematização da metodologia MEXPAR está ancorada nas referências teóricas e filosóficas apreendidas no método pedagógico de Paulo Freire de educação de adultos.

Palavras-chave: Leitura do mundo, Problematização, Planejamento Participativo, Gestão Social, Método e Técnicas Participativas, Extensão Rural, Agricultura Familiar, Desenvolvimento Rural Sustentável.

ABSTRACT: This paper shows the participative methodology of rural extension of the state of Minas Gerais. It was systematized as a result of critical reflection about the methodological process, that has been developed since 1948 and the currently challenges faced by family farmers and their organizations, with which this public service is compromised. The methodology of rural extension was reworked within non-formal educational conception, that consider extension agents and farmers as protagonists of transforming action, in which, extension agents accept the role of process change mediators and the family farmers are the main agent of their own development. The systematization of MEXPAR methodology is based on theoretical and philosophical references seized in the teaching method of Paulo Freire of adult education.

Keywords: World reading, Problematization, Participative Planning, Social Management, Method and Technics, Rural Extension, Family Farmer, Sustainable Development.

INTRODUÇÃO

A extensão rural brasileira vem realizando um intenso processo de reflexão crítica quanto ao seu papel e os resultados da sua ação, contando para isso, com a participação da sociedade e especialmente dos agricultores familiares, suas formas

organizativas e os movimentos sociais. Essa reflexão vem sinalizando para uma necessária reorganização das estruturas prestadoras do serviço de assistência técnica e extensão rural - ATER, inserindo mudanças institucionais e reorientando a sua prática, na perspectiva de responder de forma mais efetiva às demandas apresentadas pelo rural brasileiro frente aos desafios do desenvolvimento sustentável e, em especial, a agricultura familiar.

Outra importante mudança observada refere-se ao desenho social que vem ganhando novos contornos nesse processo de construção de uma sociedade democrática. Valores sociais fundamentais como a solidariedade, honestidade, confiança, respeito vão sendo reconstruídos e inseridos nas relações sociais e de produção.

Esse ambiente de mudanças influencia diretamente e positivamente o serviço de extensão rural, estimulando a implementação de processos educativos que favoreçam a inclusão social dos agricultores e agricultoras familiares, a produção e apropriação do conhecimento e o desenvolvimento da consciência crítica e da capacidade dos atores sociais conceberem e articularem um projeto histórico próprio. Dessa forma, a extensão rural rompe com o modelo extensionista baseado na Teoria da Difusão de Inovações e nos tradicionais pacotes da “Revolução Verde”, e coloca em evidência a revisão dos objetivos e estratégias para a extensão rural pública.

Paulo Freire já questionava de forma incisiva, na década de 60, o processo difusionista utilizado pela extensão rural na América Latina. Em seu conhecido livro *Extensão ou Comunicação?*, Paulo Freire (1975) desenvolve aspectos epistemológicos, além dos humanistas, de uma educação emancipadora e progressista ao tratar da relação que especialistas (no caso técnicos atuantes no meio rural) estabelecem com não especialistas (agricultores e lideranças) ao veicularem os conhecimentos de suas áreas. Freire destaca em sua análise, a importância da problematização (gênese da produção e da apropriação de conhecimentos) e da dialogicidade (que nega a concepção passiva e neutra do sujeito do conhecimento) como características essenciais que contribuem para a apropriação de novos conhecimentos e práticas. Ao defender a comunicação no sentido da busca de uma dialogicidade em oposição à extensão no sentido de simplesmente comunicar resultados, Paulo Freire alerta para o fato de que a conduta dos técnicos privilegiava apenas a comunicação extensivamente dos resultados obtidos pela pesquisa agropecuária aos agricultores com uma absoluta ausência de diálogo.

Ao analisar esse equívoco da comunicação estabelecido no processo educativo,

Paulo Freire (75) destaca que o fazer educativo não é um ato de transmissão sistemática ou de extensão sistemática do saber. Em lugar da transferência do saber, a educação é uma situação gnosiológica em seu sentido mais amplo. A educação é comunicação, é diálogo. É um encontro de sujeitos interlocutores que buscam a significação dos significados.

Para dar conta desse desafio, a extensão rural contemporânea se refaz numa prática educativa que tem na organização social seu ponto de partida e nos métodos participativos de planejamento, a base para a estruturação e fortalecimento das formas organizativas de agricultores. Esse processo participativo de planejamento e intervenção permite que os agricultores, suas famílias e demais atores sociais envolvidos se solidarizem para o enfrentamento e a busca de solução para os problemas comuns.

É portanto, a partir da experiência refletida, da leitura de mundo, obtida a partir da análise crítica e coletiva da realidade e da participação ativa dos atores sociais envolvidos, que a extensão rural contemporânea procura se orientar. É exigido dos profissionais tanto conhecimentos técnicos nas áreas de formação acadêmica como também, habilidades para resgatar e valorizar o conhecimento dos agricultores de forma que esse saber seja apropriado numa perspectiva que considera o contexto social e histórico das comunidades, as diferentes dimensões do desenvolvimento sustentável e a necessidade de articulação de parcerias locais e territoriais.

Transformar a ação extensionista em experiência educativa e prática transformadora requer uma postura diferenciada tanto dos extensionistas como dos atores sociais envolvidos, uma vez que ambos passam assumir o compromisso mútuo com o processo educativo, o qual envolve a reciprocidade no ensinar, aprender, pesquisar e socializar. Para isso é necessário garantir momentos em que se ensina e se aprende o conhecimento existente e momentos em que se trabalha a produção do conhecimento ainda em construção.

A EXPERIÊNCIA DA CONSTRUÇÃO DE UMA METODOLOGIA

Para dar conta desse redesenho da prática, a extensão rural mineira vem promovendo de forma participativa e multidisciplinar o aperfeiçoamento do processo metodológico, valorizando o ser humano em seu enfoque pedagógico e filosófico e considerando-o como referência para o desenvolvimento e a sustentabilidade. É sob

esse enfoque que a “Metodologia Participativa de Extensão Rural para o Desenvolvimento Sustentável” – MEXPAR, é apresentada e socializada, ou seja, como uma orientação metodológica para a ação extensionista junto com os agricultores familiares e suas formas organizativas, privilegiando processos educativos, participativos e compartilhados de experiências e apropriação de conhecimentos, na perspectiva da reelaboração do saber e valorização das relações das pessoas em sua prática social.

Para realização do processo de análise e redesenho da metodologia de ATER face aos antecedentes já apresentados, foi constituída, em 2004, uma equipe multidisciplinar de profissionais, da EMATER-MG, que considerou em todo o processo de reflexão os novos desafios que a sociedade apresenta, sobretudo os agricultores e agricultoras familiares e os movimentos sociais. A equipe iniciou suas atividades a partir da leitura análise crítica da realidade atual, sistematizando a experiência da EMATER-MG e refletindo sobre os desafios contemporâneos e as oportunidades para a intervenção extensionista.

A metodologia de extensão rural foi então reelaborada a partir de uma concepção educativa, que considera extensionistas e agricultores protagonistas de uma ação transformadora, na qual os extensionistas assumem o papel de mediadores do processo de mudança e as agricultoras e agricultores familiares, o de sujeitos do seu próprio desenvolvimento. Todo esse exercício de reflexão e construção pedagógica e metodológica foi sistematizado, recebendo o formato de um livro “metodologia participativa de extensão rural para o desenvolvimento sustentável- MEXPAR”, editado pela própria EMATER-MG, e, em seguida, pelo Ministério de Desenvolvimento Agrário-MDA e pela Associação Brasileira de Extensão Rural-ASBRAER.

A socialização da MEXPAR está ocorrendo por meio de cursos, encontros técnicos e oficinas de formação metodológica de extensionistas de Minas Gerais e de vários outros estados da federação, sendo que até o presente foram atendidas as demandas dos estados do Maranhão, Brasília, Espírito Santo, Mato Grosso do Sul, Rio Grande do Norte, Alagoas e Paraná. Essa metodologia tem como principal objetivo propiciar aos extensionistas o exercício de um processo metodológico, fundamentado nos princípios da participação, leitura de mundo, dialogicidade, troca de saberes, do planejamento participativo e da gestão social, capaz de orientar a sua prática junto aos Agricultores Familiares e outros atores sociais na implementação de estratégias de desenvolvimento rural sustentável.

A Concepção Pedagógica da Metodologia “MEXPAR” foi inspirada nos princípios teóricos da Epistemologia Genética de Jean Piaget – construtivismo interacionista, nas *referências teóricas e filosóficas apreendidas no Método Pedagógico de Paulo Freire* e também, na orientação pedagógica do “aprender a aprender”, de Pedro Demo.

O exercício dessa sistematização apoiou-se na necessidade sentida de alicerçar a prática extensionista num aporte teórico – explicativo e orientador - capaz de contribuir para uma ação continuamente refletida e portanto, reformulada na perspectiva do compromisso da extensão rural contemporânea com as mudanças sociais e da sua coerência com os princípios do desenvolvimento sustentável.

O CONHECIMENTO NA PEDAGOGIA FREIRIANA COMO APORTE TEÓRICO PARA A AÇÃO EDUCATIVA NA EXTENSÃO RURAL

A Teoria do Conhecimento desenvolvida por Paulo Freire, reinterpreta a concepção de educação e de conhecimento e traz ao centro do debate a intencionalidade da educação. Ou seja, a certeza de que a educação não é neutra. Todo processo educativo é um ato político, uma ação que resulta numa relação de domínio ou de liberdade entre as pessoas. Sua crítica ao tipo de ensino que denomina de “educação bancária” – a qual se caracterizava pela figura do professor que depositava os conhecimentos e do aluno, depositário desses ensinamentos, foi utilizada pela extensão rural como um novo parâmetro de observação crítica da prática extensionista vinculada à intencionalidade política e, também, do modelo de desenvolvimento e de modernização da agricultura brasileira que o serviço de ATER contribui para a implementação.

Em sua teoria, Paulo Freire destaca que ensinar não é transferir conhecimentos, mas criar as possibilidades para a sua própria produção ou a sua construção. E que educar é uma relação entre pessoas, sobretudo, entre gerações. Como seres de relações que somos, só nos educamos em relação com os outros seres humanos. Por isso é preciso compreender a dimensão de continuidade que envolve as relações humanas. Significa o compromisso que cada geração tem com a formação das gerações futuras. A compreensão de que o destino do homem é criar e transformar o mundo, o coloca como sujeito da ação e favorece a formação da consciência da responsabilidade individual e coletiva. Resgatar na memória coletiva dos grupos sociais essa identidade histórica

socialmente construída, é essencial para que haja o reconhecimento da capacidade criativa e transformadora, tão necessária num projeto de educação libertadora. É preciso saber o que fomos e o que somos, para compreender o que seremos e o que podemos ser. Na concepção de Paulo Freire, o processo de construção do conhecimento se dá por quatro momentos interdependentes: Ler o mundo (postura investigativa), Compartilhar a leitura do mundo lido (comunicação-diálogo), produção e reconstrução do saber (mudança de atitude, saber pensar) e educação como prática de liberdade (politicidade do conhecimento).

Na sua trajetória de educador Paulo Freire revelou uma profunda crença na pessoa humana e na sua capacidade de educar-se como sujeito da história. E toda a sua obra está focada na valorização do homem. Exalta que todo ser humano é único. Tem saberes, história, cultura e valores que devem ser reconhecidos e respeitados. Assim, o respeito à autonomia e à dignidade de cada um é um imperativo ético e não um favor que podemos ou não conceder uns aos outros. A sensibilidade para com as diversidades culturais, humanas, sociais, de grupo e raça, de idade, de vivências, de memória é um traço forte na pedagogia freiriana.

Para compreender a prática educativa da extensão rural na perspectiva freiriana, destacamos algumas categorias epistemológicas do pensamento e a prática pedagógica de Paulo Freire:

- Coerência entre teoria e prática.

O saber prático e o saber teórico são essenciais no processo de formação da consciência crítica, da visão de mundo. Para evoluir a leitura da realidade apoiada no senso comum (consciência ingênua) para uma análise crítica, a prática social tem que ser ampliada no seu pensar, no refletir. Ou seja, é preciso que os atores sociais envolvidos num processo educativo, tenham acesso e domínio da teoria da sua prática ou saber teórico.

- Postura investigativa

A prática educativa deve sempre estimular a curiosidade crítica. Estar sempre à procura da ou das razões de ser dos fatos. Deve estimular o exercício constante da capacidade de pensar, de indagar-se e de indagar, de duvidar, de experimentar hipóteses de ação, de programar e não apenas seguir os programas propostos e impostos. Essa prática torna-se fundamental para desenvolver a capacidade do ser humano de avaliar, de comparar, de escolher, de decidir e, finalmente, de intervir no mundo.

- Dialogicidade

A aproximação, fundamental numa prática educativa, se faz com o diálogo

franco, adotando uma postura de reciprocidade no falar, ouvir e de receptividade em aprender. Somente quem escuta paciente e criticamente o outro, fala com ele, mesmo que, em certas condições, precise de falar a ele. O educador que escuta aprende a difícil lição de transformar o seu discurso, às vezes necessários, em uma fala com o outro.

- **Aprendizagem**

Aprender não é acumular conhecimentos. O que não é superável é a capacidade de aprender sempre. Só aprendemos quando aquilo que é objeto do conhecimento tem sentido na nossa vida. Temos que aprender com as experiências concretas. O importante é aprender a pensar.

- **Educação e educador**

A educação não é neutra. Tanto pode estar a serviço da decisão, da transformação do mundo, da inserção crítica nele, quanto a serviço da imobilização, da permanência possível das estruturas injustas, da acomodação dos seres humanos à realidade tida como intocável. Educador é o profissional que orienta, que dá sentido, que constrói sentido, um organizador de aprendizagens. O educador tem a tarefa de orientar o processo educativo – mas como um ser que busca, como o aluno. Ele também é um aprendiz.

- **Dialética**

A dialética é o modo de pensarmos as contradições da realidade, o modo de compreendermos a realidade como essencialmente contraditória e em permanente transformação. Paulo Freire nos alerta que nosso papel no mundo não é só de quem constata o que ocorre, mas também o de quem intervém como sujeito de ocorrências. A educação como especificidade humana, é um ato de intervenção no mundo. Nesse sentido a produção do conhecimento no método pedagógico de Paulo Freire, é compreendida enquanto processo em construção. O saber se faz através de uma superação constante. O saber superado já é uma ignorância. Todo saber humano tem em si o testemunho do novo saber que já anuncia. Todo saber traz consigo sua própria superação. Portanto, não há saber nem ignorância absoluta: há somente uma relativização do saber ou da ignorância.

O método de educação de Paulo Freire aplicado à prática extensionista

A aplicação dos princípios de educação defendidos por Paulo Freire, na prática pedagógica do extensionista, implica em compreender as especificidades da ação

educativa e dos atores sociais envolvidos nessa prática. É necessário, inicialmente, reconhecer que aprender significa construir um novo conhecimento, descobrir novos significados, sem desprezar o conhecimento existente. A experiência, o conhecimento prévio dos agricultores deve ser sempre o ponto de partida para a reconstrução do conhecimento, gerando novos significados e portanto, um novo conhecimento.

Por isso é tão necessário o investimento do extensionista na compreensão dos conceitos que envolvem a prática educativa. E a partir deles, mediar o processo pedagógico de reelaboração do conhecimento, numa perspectiva dialética, ou seja, de busca da superação do próprio conhecimento construído. Nesse sentido, a grande relevância da ação extensionista é poder partilhar da construção do conhecimento como produção social. Extensionistas e agricultores se vendo como seres sociais, constroem e reconstroem a história num processo dinâmico, interativo e dialógico.

Paulo Freire apresenta um novo sentido para a teorização, destacando a sua importância na reorientação da “práxis” (prática – teoria – prática). Não se trata de um busca explicativa da prática, mas de uma elaboração dupla onde a teoria contribui para explicar a prática e esta realimenta a teoria. Esse exercício requer, antes de tudo, a valorização das capacidades individuais, o reconhecimento da ação reflexiva e criativa do ser humano. Para isso é necessário que agricultores e extensionistas estejam estimulados a aprimorar sempre a prática da teorização, a investigar na perspectiva de desvelar o encoberto e a desafiar os limites impostos.

Outra contribuição do método pedagógico de Paulo Freire, que podemos apropriar para a extensão rural é a grande importância atribuída ao homem como sujeito da sua própria educação, da sua história. Esse princípio constitui a base da construção de um processo participativo de desenvolvimento rural sustentável que, em suas múltiplas dimensões, coloca o ser humano como centro da ação e portanto, protagonista do seu próprio desenvolvimento.

O MÉTODO DE PLANEJAMENTO PARTICIPATIVO E GESTÃO SOCIAL –

Momentos e Passos

O método de planejamento participativo e gestão social apresentado na MEXPAR está estruturado em três momentos didáticos que orientam a ação mediadora do extensionista. Esses momentos, embora distintos em sua essência, são interdependentes e complementares.

Primeiro Momento: Conhecimento da Realidade

É essencialmente um momento de aproximação, de estabelecimento de relações afetivas e de troca de informações pessoais e com o ambiente. Nesse momento são criadas as condições para a elaboração coletiva de um resgate histórico-social da comunidade. Se para o Técnico (extensionista) é fundamental conhecer a realidade do campo e seus sujeitos, para os Agricultores e Agricultoras é também fundamental conhecer o Técnico (extensionista), a empresa onde trabalha e juntos realizarem a leitura de mundo e a reconstrução do mundo lido, o qual se materializa num projeto de desenvolvimento sustentável que envolve ações nos campos: social, cultural, político-organizacional, econômico e ambiental.

É nesse momento que se organiza o ponto de partida e de chegada da caminhada do grupo pois, oferece os elementos históricos do passado que contribuem para a compreensão do presente e o planejamento partilhado do futuro desejado. É o momento do resgatar a história de vida das pessoas e debater sobre as condições de saúde, educação, produção, comercialização, cultura, lazer, meio ambiente, infra-estrutura, organização, as atividades não-agrícolas, as relações de gênero e geração, a experiência coletiva dos sujeitos inseridos nos movimentos sociais e sindicais, dentre outros. A partir da compreensão desse contexto, os atores sociais estabeleçam estratégias de atuação capazes de promover mudanças na sua realidade rumo ao futuro desejado. É importante também resgatar a história que envolve a realidade do Extensionista.

Segundo Momento: Organização da Ação e Gestão Social

É o exercício coletivo do planejamento e constitui uma sequência do processo de reflexão sobre as questões que envolvem o projeto de vida da comunidade. O ponto de partida é a problematização iniciada no primeiro momento e as informações resgatadas na elaboração do Diagnóstico Participativo por Campo. As propostas destacadas no diagnóstico são avaliadas do ponto de vista de sua viabilidade econômica, social, cultural, política e ambiental. Para tanto são consideradas nessa análise as alternativas de ação necessárias e possíveis de serem implementadas.

É no momento da organização da ação que acontece a identificação dos grupos de interesse e dos parceiros. Esses grupos se estruturam em torno das alternativas definidas na análise de viabilidade, as quais servirão como referência para a elaboração dos projetos. Vale ressaltar a diversidade de redes sociais nos quais os sujeitos estão inseridos. Conhecê-las e respeitá-las é condição para um trabalho extensionista

comprometido com a participação como processo transformador.

Terceiro Momento: Execução da Ação e Acompanhamento

Constitui a etapa de concretização das ações planejadas. A comunidade e os grupos de interesse juntamente com os parceiros, assumem o controle do processo de execução, acompanhamento, avaliação e gestão social dos projetos. O desenvolvimento de habilidades básicas pelos participantes do grupo é considerado como uma condição essencial para o êxito dos projetos. Para tanto, métodos participativos de construção e socialização de conhecimentos devem ser priorizados. Os processos de capacitação e formação devem assegurar a construção de conhecimentos gerais e específicos nas áreas dos projetos e desenvolvimento de competências e habilidades em gestão social.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A Metodologia participativa de extensão rural para o desenvolvimento sustentável - MEXPAR assume como pressuposto básico que todo conhecimento é uma produção social e que portanto encontra-se num constante processo de elaboração, reformulação e validação. Para promover e estimular essa produção de conhecimento é de fundamental importância o fortalecimento de processos de mediação entre Extensionistas e Agricultores Familiares. Tais processos devem privilegiar em sua prática, a utilização de técnicas que favoreçam e estimulem a reflexão dos grupos sociais sobre as relações com o meio físico e social e, a partir desta, a elaboração de novos conceitos e novas experiências. A mediação implica em provocar as leituras de mundo, do ambiente e das relações sociais, estimulando novas compreensões e, olhares e ações possíveis sobre o mundo, o que nos qualifica a reconhecer a realidade e nossa ação sobre ela. Essa experiência traz consigo a certeza estimuladora do inacabado, do vir a ser, das verdades relativas e da necessidade de um diálogo permanente entre os atores.

A MEXPAR não pretende ser “o caminho”, mas uma referência metodológica que se propõe viabilizar a construção coletiva dos sonhos e visão de futuro dos atores sociais comprometidos com a transformação social da realidade. Considera a extensão rural como uma ação educativa, como um ato de conhecimento e compreende o extensionista como um educador comprometido com a sociedade e facilitador e mediador de uma prática pedagógica que busca estimular a e desenvolver a curiosidade

crítica do homem como condição de liberdade e construção e reconstrução do mundo.

BIBLIOGRAFIA

RUAS, Elma Dias et al. **Metodologia participativa de extensão rural para o desenvolvimento sustentável- MEXPAR**. Belo Horizonte, 2006.

FREIRE, Paulo. **Extensão ou Comunicação?** São Paulo: Paz e Terra:1975.

FREIRE, Paulo. **Educação e Mudança**. São Paulo: Paz e Terra:1993.

FREIRE, Paulo. **Medo e Ousadia: o cotidiano do professor**. Tradução: Adriana Lopez. São Paulo: Paz e Terra:1986.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia**. São Paulo: Paz e Terra:1993.